

Nº 13 SORTE NOSSA

Tudo sobre a campanha eleitoral

PT BOLETIM NACIONAL

SET/OUT DE 1985 - Nº

13 PT
Sorte Nossa

ÓRGÃO DA COMISSÃO
EXECUTIVA NACIONAL DO
PARTIDO DOS TRABALHADORES
Cr\$ 1.000

"Nascemos como o partido do NÃO,
mas isso agora não basta."
(Weffort, pg 4)

Nos bastidores da traição

1 — A crise no PMDB não vai se resolver tão cedo. Conspiram contra Fernando Henrique forças poderosas dentro do partido oficial, movidas por interesses irreconciliáveis. A lista é longa e inclui o próprio governador "dorminhoco", Montoro, convencido de que Fernando Henrique poderá se tornar seu principal concorrente às eleições presidenciais de 1987. Por isso faz corpo mole na campanha e está mais preocupado em viabilizar-se junto ao empresariado, gastando tempo e dinheiro para mostrar suas "realizações" na área de segurança. Nesses encontros com líderes empresariais, Montoro não fala uma palavra a favor de Fernando Henrique. Só fala dele.

2 — O vice-governador Orestes Quêrcia quer ser governador do Estado e está se articulando para isso, inclusive com forças malufistas. O fortalecimento de Cardoso seria uma barreira a seus planos.

3 — Roberto Cardoso Alves, secretário-geral do PMDB, é um dos articuladores da sabotagem a Fernando Henrique no partido. Recentemente deu uma entrevista à *Manchete* bombardando a candidatura do senador.

4 — O próprio presidente da República, José Sarney, age discretamente contra a candidatura de Fernando Henrique. Os principais amigos de Sarney são Marco Maciel, Jorge Bornhausen e Afonso Camargo. Todos eles torcem pela vitória de Jânio em São Paulo. Sarney mandou um recado a Delfim Neto trabalhasse pela vitória janista em São Paulo. *Cláudio Cerri*

A greve que parou o país



Naiz: Benedito F/4

Nosso ibope em alta!

Sem o dinheiro dos poderosos, e contra as máquinas de influência dos governos estaduais, o PT enfrentou o desafio da campanha eleitoral com criatividade e com a seriedade de suas propostas. E está surpreendendo. Em São Paulo, Suplicy levanta vôo e desmoraliza a tese do voto útil do candidato da Nova República. Em Fortaleza, o PT está no páreo para vencer. Em Vitória, em Cubatão, em Paulo Afonso e algumas outras cidades, o PT também tem chances de ganhar. (Encarte especial da campanha).

As calúnias de Bornhausen

Sobre as caluniosas acusações de que o PT teria recebido ajuda financeira estrangeira, a Comissão Política da Comissão Executiva Nacional do Partido, reuniu-se no dia 17 de setembro último e resolveu solicitar ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil que investigue o assunto junto ao governo da Alemanha Ocidental e, ao mesmo tempo, encarregou o Departamento Jurídico do Partido dos Trabalhadores de adotar as providências legais cabíveis relacionadas com a divulgação de tais injúrias. (Noticiário completo na última página).

A greve nacional dos bancários encurralou a "Nova República" dos banqueiros e especuladores. E fez avançar o movimento sindical, mostrando o caminho da unidade com pluralismo. Um caminho aberto pela CUT e pelo PT. A greve demonstrou que os trabalhadores estão cansados de derrotas, e estão dispostos à luta bem orientada e bem organizada. (Tudo sobre a greve na página 2)



A greve que parou o Brasil

No paraíso da especulação, a especulação parou. Parou a Bolsa. Parou a Cacex. Pararam os bancos. E avançou a unidade das classes trabalhadoras. Foi a primeira greve nacional de uma categoria de trabalhadores. A nacional dos bancários.

"Os banqueiros vão jogar ainda mais pesado com agente. Por isso, é fundamental que vocês entendam uma coisa: não pode haver desânimo. A unidade do movimento é a nossa arma. Está claro, companheiros?" Trinta mil bancários aplaudiram, concordando, acotovelados na Praça da Sé. A voz de comando, forte e pausada, era de Luiz Gushiken, presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo e um dos principais líderes da greve nacional da categoria que conseguiu parar o Brasil, em setembro último. Parou o país e ganhou. Os bancários obtiveram conquistas importantes através de um movimento sólido em escala nacional, enfrentando, com firmeza e muita organização, a intransigência do governo na Nova República e dos patrões. O movimento mexeu com o país inteiro, mas alcançou êxito total: os bancários avançaram em conquistas no plano das reivindicações, deram uma lição de capacidade organizativa e de unidade, além de ganhar a simpatia da população e a solidariedade e apoio de um leque enorme de entidades, instituições e partidos políticos. Especialmente da CUT e do Partido dos Trabalhadores.

As lições de 1979

Luiz Gushiken faz um balanço da greve dos bancários, a partir de uma avaliação que volta a 1979, oportunidade em que a categoria sofreu uma dura derrota, e passa pelos recentes movimentos dos metalúrgicos, dos Correios e de Guariba: "Em 79, cometeu-se um erro grave, que foi a ausência de unidade dos bancários. A ponto de ocorrerem greves isoladas ora em São Paulo, ora em Belo Horizonte. Não houve sintonia e o resultado foi a derrota.

Quanto às greves recentes, o que se constatou foi o isolamento que, combinado com uma certa ilusão das massas em relação à Nova República, facilitava a repressão concentrada da polícia".

Como superar

"Para superar esses dois problemas", continua Gushiken, "precisávamos lutar pela união de todos os bancários na deflagração de lutas. Isto, a par-



Luiz Gushiken: "Unidade sem perda de identidade"

tir de um plano organizado em nível nacional, que exigia também traçar políticas, junto à população, no sentido de evitar o isolamento. Evidente que essa tarefa não é fácil, particularmente em se tratando da união de todos os sindicatos, tendo em vista as conhecidas divergências existentes no meio sindical. Mas nós tínhamos elementos a favor: a pressão da massa era forte o suficiente para obrigar inúmeros sindicatos a participar da luta, em cima de um plano estabelecido nacionalmente. E também contávamos com um argumento poderoso: o fato de a categoria ter o mesmo padrão em todo o país."

Impulsionar a Unidade

À medida que vai falando, Luiz Gushiken se entusiasma. Percebe-se sempre a preocupação de enfatizar a importância da unidade:

"Paralelamente a esse trabalho, e no sentido de impulsionar a unidade, estabelecemos um calendário pressupondo planejamento, organização e execução. Criamos o Departamento Nacional da CUT, que jogou um papel fundamental na articulação dos seus militantes e dirigentes. Os efeitos desse trabalho foram logo sentidos de forma muito positiva. Só para se ter uma idéia de um movimento organizado nacionalmente: no dia 28 de agosto, bancários do Brasil inteiro fizeram atividades, e, só em São Paulo, 30.000 bancários saíram às ruas. No Rio, 7.000. Enfim, em todas as capitais e cidades do Interior houve movimentos simultâneos. Tal fato dava uma enorme confiança ao

conjunto da categoria".

E a confiança tomou conta dos bancários. Tanto assim que, três dias depois, em Campinas, no Encontro Nacional, a direção executiva, composta de treze entidades (Confederação, cinco federações e mais sete sindicatos), por unanimidade, propôs a greve nacional dos bancários. Era, em resumo, a constatação de que a unidade poderia ser posta à prova.

"É de se destacar que essa unidade não implicou a perda de identidade das correntes sindicais. A CUT, por exemplo, através do departamento dos bancários, distribuiu mais de 300.000 jornais, o que prova que é possível a unidade na luta sem perda da identidade das correntes".

Romper o Isolamento

Outra preocupação dos bancários era o risco do isolamento. Um plano ofensivo foi posto em prática:

"Com bastante antecedência, divulgamos à população a nossa luta. Conversamos com autoridades do governo em seus três níveis (Legislativo, Executivo e Judiciário), alertando sobre a possibilidade da greve, que iria acontecer em função da intransigência dos banqueiros. Essa política implicou não somente o planejamento previamente definido, mas também em gastos vultosos com cartazes, boletins, matéria paga à imprensa. Só para se ter uma idéia: colocamos mais de 130.000 cartazes em São Paulo. No Rio Grande do Sul e em Santa Catarina, em horário nobre, foi divulgado, durante três dias, um chamamento à greve dos bancários. Enfim, o su-

cesso da nossa greve se deveu ao atendimento de quatro condições: "mobilização, organização, unidade nacional e quebra do isolamento".

Do Econômico ao Político

O que terá representado politicamente essa greve, dentro de uma conjuntura de Nova República? Que desdobramentos isso poderá ter? Perguntas que todos estão ainda fazendo. Luiz Gushiken responde:

"Em primeiro lugar, através da luta econômica, os bancários se chocaram com obstáculos idênticos aos da Velha República, como é o caso da decretação da ilegalidade da greve pelo Ministério do Trabalho e também a intransigência do governo no atendimento das reivindicações. O movimento conseguiu colocar na defensiva o governo e aqueles instrumentos citados. Vimos, então, um fato interessante: de um lado, a população alegre e solidária com o movimento grevista e, de outro lado, o patronato e o governo loucos para brandir os velhos instrumentos de repressão.

O PT e a greve

O Partido dos Trabalhadores foi sistematicamente jogado contra a opinião pública pelo governo Sarney, pelos banqueiros e pela imprensa burguesa. O PT era acusado de influenciar e tentar dirigir a greve. Gushiken tem uma posição sobre o assunto:

"O PT agiu corretamente. Como partido das classes trabalhadoras ele assumiu uma postura clara de apoio total à nossa greve. E não poderia ser outra a posição. Em nenhum momento, é bom que se diga, o PT tentou dirigir a greve. Muito ao contrário, ele soube respeitar plenamente a autonomia do movimento. E eu considero o papel cumprido pelo PT como necessário e muito animador".

O presidente do Sindicato dos Bancários de São Paulo termina sua avaliação sobre os desdobramentos políticos da maior greve nacional ocorrida nos últimos 20 anos, destacando:

"Ao terminar a greve, com sucesso total, gestou-se no povo brasileiro a idéia da conquista de espaços democráticos que só a classe trabalhadora é capaz de alcançar".

Rubens Lemos

O que os banqueiros vão fazer depois da greve

1 Pouco antes da greve, alguns dos principais bancos do país fizeram uma pesquisa entre seus funcionários. Entre outras conclusões, a pesquisa mostrou que mais de 80% dos bancários desejam a estatização do sistema financeiro nacional, por considerarem os banqueiros "maus patrões".

2 Depois que a categoria mostrou sua capacidade de mobilização a nível nacional — com a greve vitoriosa de setembro —, os banqueiros passaram a temer que nos debates pela Constituinte seus funcionários se articulem também para reivindicar a estatização do setor. Muitos bancos já preparam campanhas de bom relacionamento com os empregados para quebrar a unidade de opinião gerada pelo movimento grevista.

CUT conquista sindicatos

Os números falam por si. Os resultados parciais das últimas eleições sindicais demonstram o avanço do pólo combativo do movimento sindical que se aglutina em torno da CUT.

A conquista de vários sindicatos mostra a posição firme e correta aprovada no Encontro Sindical do PT, que é a de fortalecimento da CUT.

Vencemos, nos últimos meses, as eleições realizadas nos seguintes sindicatos: Plásticos-SP, Químicos-SP, Couros-SP, Sapateiros de Franca-SP, Frios e Derivados-SP, Têxteis de Sorocaba-SP, Rurais de Fernandópolis-SP, Têxteis de Natal-RN, Rurais de Ecoparanga-ES, Condutores de Veículos-GO, Rurais de Cametá-PA, Conceição do Araguaia-PA, Bragança-PA e Portuários-RJ. Solicitamos aos companheiros petistas e às secretarias sindicais que nos enviem informações sobre as eleições, e nos comprometemos à publicação no próximo BOLETIM NACIONAL.

Paulo Azevedo - Secretária Sindical Nacional

Sem marcos e sem cruzeiros

Apesar de seu nome, nosso tesoureiro Clóvis Ilgenfritz nunca viu marcos alemães na contabilidade do partido. Ele alerta contra as intrigas do banqueiro Bornhausen, testa-de-ferro do capital internacional, e conclama os petistas a redobrar esforços pelas finanças do Partido. Veja o seu apelo:

Somos a proposta partidária nova surgida da luta sindical e popular. Somos o Partido que se afirma perante a nação brasileira como representação legítima e autêntica da classe trabalhadora; somos reconhecidos servindo de exemplo a ser imitado em muitos países, principalmente do Terceiro Mundo. Somos o Partido que assusta a classe dominante, por isso causamos medo aos "donos do capital" e do poder, por isso procuram nos intrigar, denegrir nossos esforços e impedir o avanço de nossas lutas de emancipação dos trabalhadores.

Como tesoureiro do Partido, conclamo todos os companheiros e simpatizantes a redobrem seus esforços no sentido de conseguirmos mais recursos para nosso Partido, não nos deixando esmorecer, pelo contrário, cumprindo as resoluções do Partido, contribuindo com a cota mensal para o núcleo e este remetendo as parcelas estabelecidas para o Diretório Municipal ou Zonal, Estadual ou Nacional; fazendo as campanhas para que a totalidade dos filiados tenham seu carnê de mensalidades, sua carteira partidária com a mensalidade atualizada; fazendo as campanhas extras, e outras.

Apelo especialmente aos tesoureiros, que respondam urgentemente às nossas resoluções sobre finanças, pondo em dia as cotas do Diretório Estadual para a Tesouraria Nacional.

Nosso Partido tem uma estrutura coletivista democrática, digna de quem realmente está construindo o socialismo

— a sociedade sem explorados e exploradores.

Vamos responder às acusações e calúnias dos exploradores com nossa capacidade de organização e eficiência na luta do dia-a-dia.

Clóvis Ilgenfritz da Silva/PoA/17/09

FINANÇAS

Conforme notificado no *Boletim Nacional* nº 12, agosto/85, estamos em campanha extra para as eleições municipais.

Os petistas e simpatizantes estão sendo conclamados a enviar Cr\$ 50.000, ou mais, para a Conta Especial do Comitê Eleitoral Nacional — Nº 104.013-8, Banco do Brasil — Agência Caminho do Meio — Porto Alegre/RS, ou cheque nominal cruzado ao Partido dos Trabalhadores, por carta, à rua Santa Teresinha, 35, Porto Alegre/RS — CEP 90000

Esses recursos serão repassados ao PT nas cidades onde se realizam eleições.

Contribua, companheiro — o PT somos nós.

PALAVRA DE LÍDER

Temos que voltar a ser o partido do NÃO!

"Ser o partido do não é romper com a estratégia das classes dominantes. É não ter medo de ser chamado de radical".

O Colégio Eleitoral era, na da mais, nada menos, do que um instrumento de regime para sustentar o sistema econômico. Em quase toda a América Latina há um processo de "abertura política" no sentido de se substituir os regimes militares por uma nova forma de dominação, uma transição que acomoda os interesses das classes dominantes e que tenta através de um propalado "pacto social" a cooptação da classe trabalhadora. Quando os trabalhadores estão organizados e resistem, a situação se inverte e ao invés de cooptação temos a repressão, como está ocorrendo na Bolívia atualmente.

A proposta do "pacto", infelizmente, encontra ressonância junto aos sindicalistas ligados ao PCB, ao PC do B e mais os sindicalistas que sempre estiveram a serviço da ditadura militar (os pelegos) enquanto lideranças inseridas no campo da CONCLAT. Mas temos como exemplo a Central Única dos Trabalhadores (CUT), que sabiamente não se submeteu, mas ao contrário estabeleceu na prática formas independentes de rompimento com a estratégia das classes dominantes. Como é o caso também da greve dos metalúrgicos do ABC, que deram uma resposta madura e corajosa à conjuntura político-emocional criada com a doença e a morte de Tancredo Neves. Não há dúvida que o comportamento firme dos metalúrgicos deixou bastante frustrada a Aliança Democrática, além de representar uma significativa acumulação de forças para os movimentos sociais. Exemplo disso foi a greve nacional dos bancários. E não podemos esquecer ainda a luta dos trabalhadores rurais, tão reprimida pelos "cacetetes democráticos" de Montoro na greve de Guariba.

A verdade é que jamais alimentamos esperança de que a Nova República — com Tancredo ou com Sarney — pudesse trazer as mudanças tão reclamadas e perseguidas pelos trabalhadores. Mudanças que tiveram

o seu ponto máximo de manifestação durante a campanha das Diretas-Já, que foi traída pelas elites políticas, cujo objetivo real era o de simplesmente chegarem ao governo e não ao poder, embora conscientes de sua submissão a este, representado pelo grande capital nacional e internacional.

É dentro deste quadro que a Nova República cumpre o seu papel, qual seja: o de mistificar suavemente as massas trabalhadoras e exploradas do país. Pelo que já foi dito, sabemos a que veio a Nova República do Sr. Sarney. Como também, e principalmente, entendemos a que ela não veio. Ou melhor: no plano social ela não veio para acabar com a Lei de Greve, Veio, sim, para oferecer um Ministério do Trabalho "bem comportado", "enquadrado" a uma legislação que, politicamente, jamais responde aos interesses dos trabalhadores mas, ao contrário, estimula a repressão branca dos empresários (via demissões, arrocho salarial, etc).

No plano político, finalmente, está muito claro o a que não veio a Nova República. Não precisamos ir muito longe. Ela não veio para encarar resolutamente absurdos como: a) o pagamento de jetons a congressistas ausentes; b) a não punição justa aos "pianistas" que votam por dois; c) o elitismo flagrante de uma Comissão de Notáveis para elaborar uma nova Constituição que visa consolidar o projeto da Aliança Democrática a ser referendada por uma Constituinte congressual, sem a verdadeira participação popular.

É por tudo isso que nos cabe dizer: o nosso partido, que é um partido dos trabalhadores, que tem um programa voltado para a construção do socialismo no país, que se propõe a assumir as lutas populares, tem a obrigação — sem ter medo de ser chamado de radical — de ocupar o seu papel de oposição. Enfim, o PT tem de ser o partido do NÃO.

Jacó Bittar

Sorte Nossa 13PT



Juca Martins/F-4

Weffort:
“A crise
é real,
mas o PT
continua”

Ao dizer pela imprensa burguesa que o PT “vive uma crise que pode ameaçar sua existência”, Francisco Weffort desencadeou uma polêmica dentro do Partido e passou a ser acusado ora de “derrotista”, ora de “eleitoralista”. Nesta entrevista a Rubens Lemos, nosso secretário-geral, é submetido ao fogo cruzado dos que o questionam dentro do Partido.

“Está na hora de pôr o dedo na ferida.”

BN — Você disse que, o PT vive uma crise que pode ameaçar sua sobrevivência. Perguntamos: que crise e quais as suas causas?

Weffort — Penso que vivemos uma crise de direção. Atenção: não estou pensando apenas na direção nacional, nem que seja apenas uma crise de dirigentes. É, sobretudo, uma crise de rumos, de orientação. Não me refiro, evidentemente, aos objetivos fundamentais do PT. Estes estão mais vivos do que nunca. A raiz da crise está nas dificuldades que temos encontrado para responder às mudanças da conjuntura política. Nós nascemos, como partido, da luta de resistência contra a ditadura. Nascemos como o partido do “não” e agora só isso é insuficiente. O Brasil não mudou tanto quanto pretendem os defensores da Aliança Democrática, mas mudou um pouco mais do que muitos de nós admitimos em fins de 1984. Na política econômica tudo está mais ou menos na mesma. Mas é evidente que algo está mudando no plano político-institucional. Significa que hoje é mais difícil fazer política do que na época da ditadura. A política exige hoje de nós um molejo que ainda não temos.

“Nascemos como o partido do NÃO e isso agora é insuficiente.”

BN — Não estará embutido em seu raciocínio sobre a crise do PT um exagero eleitoral em torno das eleições de novembro? Não envolve também uma certa dose de derrotismo?

Weffort — A crise do PT não nasce das eleições mas se manifesta nelas. Aliás, insisto em que, a continuarem as coisas como estão, estamos arriscados, em alguns Estados, a uma ressaca pior que a de 1982. Não há nada de eleitoral no reconhecimento deste risco. Significa apenas reconhecer, alto e bom som, a importância das eleições. Eu lembraria para os companheiros que rezeiam reconhecer a importância das eleições que, curiosamente, nós temos sofrido mais para digerir questões eleitorais do que outras, de maior profundidade, como a da Constituinte ou da política sindical. Não foi em cima de questões eleitorais que o PT “rachou” em Minas? No Rio é ainda pior, uma verdadeira e triste fragmentação. No Recife, uma parte do Partido se afastou da campanha. Eu sei que estes problemas não começaram com as eleições, mas acho que agora nós precisamos começar a criar coragem e botar o dedo na ferida. Os exemplos que apresentei são ruins, mas há piores. Há, por exemplo, cidades como Natal, no Rio Grande do Norte, em que não vamos às eleições simplesmente porque descobrimos, na última hora, que não estamos legalizados.

“A política exige, hoje, um molejo que não temos.”

Não temos por que esconder a verdade sobre os nossos problemas. Até porque, felizmente, ainda temos chance de melhorar. E, aliás, não temos apenas problemas. Em algumas capitais vamos fazendo boas campanhas. Exemplos: São Paulo, Fortaleza, Goiânia, Florianópolis, Teresina, Aracaju, João Pessoa, Vitória, Belém, Manaus etc. Se estamos mal em quatro das seis capitais de grandes estados, conseguimos pelo menos “manter a cara” em Porto Alegre. Em alguns municípios de interior, como Paulo Afonso (Bahia), Cubatão (São Paulo) ou Xapuri (Acre), temos alguma chance de ganhar. Um dos caminhos para superarmos a crise de direção em que nos encontramos está em que as nossas direções tenham a coragem de dizer ao Partido e ao povo em geral aquilo que vai bem e aquilo que vai mal. Não há nenhum derrotismo nisso. Ao contrário, o que há é vontade de acertar e de levar o Partido adiante.

“Temos sofrido mais para digerir questões eleitorais do que outras, de maior profundidade.”

BN — Quais os pontos fundamentais para que o Partido retome, de maneira global, um processo harmônico de construção?

Weffort — Em alguns lugares temos que consolidar. Em outros, temos que construir. Em outros, ainda, se trata de começar de novo. Mas os pontos fundamentais valem para o conjunto das situações, boas ou más, que estamos enfrentando. Primeiro: é necessário, absolutamente necessário, abrir o Partido. Nós temos lutado para ter um partido aberto. Ainda assim, estou espantado com o número de companheiros que se queixam. Conheço vários companheiros, alguns até de direção, que simplesmente não agüentam mais a chatice de algumas de nossas reuniões. Outro dia, conversando com vários sindicalistas, ouvi que vários deles se sentem marginalizados dentro do Partido. Como já tinha ouvido a mesma queixa de intelectuais e de militantes de movimentos populares, comecei a me preocupar. Se os que estão dentro se sentem fora, que sentem os que estão de fato fora do Partido? A verdade é que há ainda, entre nós, muito aparelhismo, reunionismo, intolerância, chatice, sectarismo. Segundo: para abrir o Partido precisamos levar à prática as nossas propostas sobre a conjuntura. Temos propostas sobre a Constituinte, a questão agrária, a política econômica, a questão sindical etc. E temos nos esforçado por levá-las à prática, especialmente agora, junto com a campanha eleitoral. Mas temos que trabalhar mais. Sair às ruas com as nossas bandeiras é a melhor maneira de chamar os trabalhadores e o povo para o nosso lado. E a melhor maneira de abrir o Partido. Terceiro: para sairmos às

ruas com as nossas propostas seria bom que resolvêssemos, com toda a clareza, a questão de nossas relações com os movimentos populares e sindicais. Não queremos sindicatos como correia de transmissão do Partido. Mas queremos que o Partido assuma as suas propostas para os sindicatos, para o movimento popular e para a sociedade em geral. Não queremos um partido que impõe, mas, sim, queremos um partido que propõe. Isso significa que nossos militantes no movimento popular, sindical, estudantil, cultural etc. têm de começar a assumir a sua condição partidária. Isso também seria uma maneira de abrir o Partido, colocando-o em contato com o movimento vivo da sociedade.

“É absolutamente necessário abrir o Partido.”

BN — Depois da greve dos bancários, o que mudou no país? Do ponto de vista político, o PT ganhou alguma coisa com o movimento?

Weffort — A greve dos bancários tem o significado histórico de uma virada nas táticas e no estilo de luta dos trabalhadores. O PT ganhou porque participou do apoio ao movimento, como ganharam todas as forças políticas que dele participaram. Mas creio que nós do PT ganharíamos mais ainda se fôssemos capazes de transferir para o plano político-partidário e, em particular para a construção do PT, algo da capacidade de organização e do molejo que os bancários mostraram no plano da luta econômico-social. O movimento dos bancários foi, evidentemente, como os anteriores, uma luta de resistência, mas com a capacidade política de aproveitar, em seu favor, as brechas políticas abertas pela nova conjuntura. Não apenas eles conseguiram realizar um movimento nacional, mas realizaram, mais ainda, a unidade dos trabalhadores na ação, superando as limitações burocráticas de uns e o sectarismo de outros. Além disso, o movimento parou na hora certa e conduziu a resultados palpáveis para os trabalhadores. Embora sem atingir tudo o que pretendia, foi vitorioso em ganhos de organização, ganhos de dinheiro, ganhos de independência dos trabalhadores e ganhos de espaço político para os bancários e para os trabalhadores em geral. E, além disso, contribuiu para consolidar os avanços democráticos a que temos assistido na situação política. O movimento dos bancários provou uma vez mais que os trabalhadores estão cansados de derrotas, e gostam de ganhar como todo mundo. Mas provou também que eles estão dispostos a ir à luta se os seus dirigentes forem capazes de mostrar que estão no rumo certo. Isso não significa que tenham que conseguir vitórias todos os dias. Mas têm de mostrar um mínimo de resultados favoráveis já. Os trabalhadores não pedem o céu para amanhã. O que eles pedem apenas são alguns degraus da escada. E isso os dirigentes do PT, em todos os níveis, temos o dever de construir.



A MARCHA DA CAMPANHA

Textos de Rubens Lemos e Perseu Abramo

Sem o dinheiro dos poderosos, e contra as máquinas do governo, o PT respondeu com criatividade e com a seriedade de suas propostas. E está surpreendendo.

POR QUE ?

Constituinte

Porque o PT luta por uma Assembléia Nacional Constituinte de verdade, não essa farsa que está sendo montada pela Aliança Democrática. Para ser livre, soberana e democrática, uma Constituinte precisa ser independente do Congresso Nacional, precisa ser convocada especificamente como Constituinte, em data própria, com processos próprios, em ato convocatório próprio. Não pode ser confundida com um "Congresso Constituinte", como querem o Sarney e o PMDB. E deve ser precedida de conselhos municipais, que recolham sugestões e reivindicações do povo e da revogação da Lei de Segurança Nacional e outras leis repressivas da ditadura.

É este o projeto de Constituinte do PT. Por isso é fundamental votar nos candidatos do Partido dos Trabalhadores.

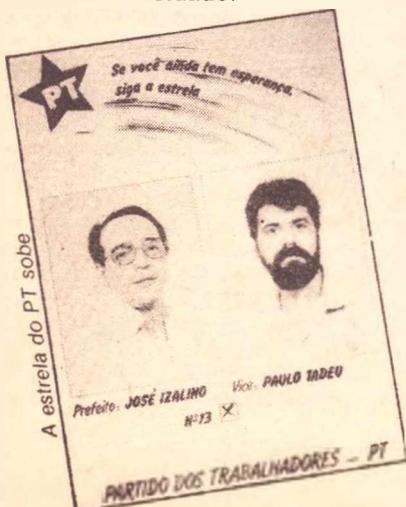
Poços de Caldas:

Vamos indo em ritmo de vitória

Poços de Caldas (MG): 50.000 eleitores e quatro partidos disputando a prefeitura. Um deles é o PT, que está mostrando e convidando a população a conhecer "uma nova maneira de fazer política". Quem se encarrega disso é o nosso companheiro-candidato a prefeito José Izalino, ao lado de Paulo Tadeu (candidato a vice) e do universo de filiados ao Partido dos Trabalhadores na cidade.

E o PT vai caminhando a passos largos e firmes, com amplas possibilidades de ganhar a Prefeitura de Poços de Caldas. Se não vejamos: antes da campanha do PT ir pras ruas, foi feita uma pesquisa abrangendo oito categorias. O resultado: o médico José Izalino apareceu com 15% da preferência popular, distante apenas 18 pontos do primeiro colocado e 9 pontos do segundo.

"Um tempo novo principiará em que o povo trabalhador, no comando do seu próprio destino, terá direito à vida, ao trabalho e à dignidade", diz o PT em carta ao povo de Poços de Caldas que (através do apoio que vai aumentando das donas-de-casa, dos operários, de empregadas domésticas, estudantes, desempregados, professores, médicos, pequenos comerciantes), está tomando consciência de que o Partido dos Trabalhadores é a verdadeira mudança.



São Paulo: Em vez de papo, propostas

No começo estava muito difícil. Suplicy chegou a aparecer em quarto lugar nas pesquisas. De um lado, o "rolo compressor" da máquina governista. De outro lado, a extrema direita (Jânio Quadros). As duas, com a força do poder econômico sufocando os meios de comunicação, os postes e muros da cidade, impunham a candidatura do PT. E o Partido começou a se perguntar: "O que fazer?"

Colocar o PT nas ruas foi a resposta natural. Para isso, um ponto de partida era preciso. *Em vez de papo, propostas:* Constituinte, Reforma Agrária, dívida externa, participação popular e prioridade públicas. Propostas que começaram a ser levadas não apenas por Suplicy-Erundina, mas também pelo conjunto

do Partido, mobilizado através dos núcleos, em debates, panfletagens, comícios relâmpagos.

O horário gratuito da televisão e rádio começou a ser utilizado com competência política e muita criatividade. A imagem de Suplicy passou a ser mostrada com realismo simples e transparente. Era o próprio Partido dos Trabalhadores falando. E crescendo na preferência popular. De cinco pontos nas pesquisas, chegamos — no momento em que fechávamos esta edição, a 10 por cento, e a tendência apontando para um crescente avanço nas camadas populares e médias do eleitorado.

Em resumo: o povo de São Paulo está entendendo POR QUE PT.



Éva Pereira F. 4

Vitoria: PT, é claro!

Há três meses, o PT aparecia com 3,5% da preferência do eleitorado de Vitória. mesmo sem ter colocado a campanha na rua. Hoje, a história é outra. Vitor Buaziz, médico, professor universitário e candidato petista à Prefeitura da capital capixaba, está próximo do segundo lugar, já tendo ultrapassado a barreira dos 15%.

Atualmente, Vitor Buaziz constitui ameaça palpável às candidaturas do PMDB e do

PDS, que vêm caindo em pesquisa. Para reforçar, nosso candidato passou a contar com o significativo apoio do vereador Gibson Muniz, do PMDB; do provedor da Santa Casa, Luiz Buaziz; de João Batista Herkhol, da Comissão de Justiça e Paz; do Partido Humanista, de setores do PFL e do PDT, de bancários e professores.

Em Vitória, portanto, o PT está na luta. Para ganhar.

A MARCHA DA CAMPANHA

Belém:
PT já
persegue o
segundo lugar

Propostas concretas, corajosas, viáveis. E muita criatividade para levá-las ao povo. São estes os ingredientes do Partido dos Trabalhadores na campanha pela Prefeitura de Belém do Pará. Humberto Cunha, vereador e candidato a prefeito, vem fazendo uma campanha considerada excelente. Com respaldo de ponderáveis setores de massa, Humberto atingiu 7% da preferência do eleitor, segundo a última pesquisa do Gallup. Oito pontos o separam do segundo colocado.

Para enfrentar as poderosas máquinas dos adversários, o PT partiu para a utilização de uma arma simples, econômica, mas muito objetiva: o uso do "mamulengo". Nos bairros, nas comunidades, na televisão estão lá os bonecos animados, como personagens vivos, contando as lutas do povo, mostrando as propostas do PT. E o povo gostando e optando.

Em Belém, a candidatura do PT não está apenas "mostrando a cara". Ao contrário: está lutando e conseguindo ampliar seus espaços.



POR QUE ?

Reforma Agrária

Porque o PT luta por uma Reforma Agrária autêntica, profunda, feita sob o controle dos trabalhadores, principalmente dos que vivem no campo e nele trabalham. O projeto do governo federal torna-se cada vez mais tímido, devido à oposição das forças mais reacionárias da própria Aliança Democrática, dos latifundiários, das multinacionais e dos órgãos de imprensa e entidades a serviço dessas forças. Ao mesmo tempo em que denuncia o caráter restrito do projeto e a reação de direita, o PT luta pela aplicação imediata de medidas que possam conduzir a uma verdadeira Reforma Agrária: a organização de comissões de trabalhadores para cadastrar, desapropriar e distribuir os latifúndios.

É essa a posição do PT na questão da Reforma Agrária. Por isso é fundamental votar nos candidatos do Partido dos Trabalhadores.

Porto Alegre:
Um perfil otimista de campanha



Raul Pont e Clóvis: otimismo

Para um eleitorado de 720.000 pessoas como é o de Porto Alegre, o índice de preferência em favor do Partido dos Trabalhadores deve ser considerado bom. Disputando com forças tradicionais e poderosas da política gaúcha, com repercussões nacionais, os 4% obtidos na última pesquisa do Gallup por Raul Pont, nosso candidato à Prefeitura, mostram um desempenho cuja tendência é de crescimento. Tem mais: levando-se em consideração os 50% de indecisos, a candidatura do PT tem campo pela frente. Existe a certeza de que as chances de ultrapassar (ou no mínimo emparelhar) o PDS estão aumentando. Apenas quatro pontos nos separam. A preferência pelo partido já alcançou os 6%, o que torna mais viável essa possibilidade.

Sem desconhecer as dificuldades, Raul Pont e Clóvis Ilgenfritz estão firmes e sabem que há uma faixa importante da população bastante aberta à proposta do Partido dos Trabalhadores. É a juventude que está vendo em nossas propostas a alternativa mais séria e nova no sentido de mudanças efetivas.

Sorte!

POR QUE ?

Dívida externa

Porque o PT luta pela imediata suspensão do pagamento da dívida externa e pelo rompimento dos acordos feitos com o FMI. A dívida foi feita para garantir lucros extraordinários de empresários nacionais e estrangeiros e chegou ao ponto em que está graças à incompetência, à covardia e à corrupção de governantes, tecnocratas e burocratas de vinte anos de ditadura. Por causa da dívida, o FMI impõe ao Brasil uma política que massacra a classe trabalhadora com arrocho salarial (reajuste abaixo da inflação) e desemprego (corte nos investimentos públicos). Por tudo isso, é preciso primeiro cortar os pagamentos e romper com o FMI. Depois, e só depois, reexaminar caso por caso os empréstimos feitos ao Brasil, para ver se algum merece ser pago.

É essa a política do PT na questão da dívida externa. Por isso é fundamental votar nos candidatos do Partido dos Trabalhadores.

Fortaleza:

Vai ser difícil segurar o PT

Os 800.000 eleitores de Fortaleza estão assistindo ao desenvolvimento de uma campanha diferente de todas aquelas até hoje realizadas em disputa da Prefeitura da capital cearense: é a campanha de Maria Luiza Fontenele, deputada estadual e candidata do Partido dos Trabalhadores. Falando uma linguagem simples, direta, objetiva, a candidata vem aumentando velozmente seu índice de preferência nas camadas populares e médias da Capital. Independentemente das consultas do IBOPE e do Gallup, que a colocam em muito boa posição, pesquisas locais já mostravam, na segunda quinzena de setembro, Maria Luiza com 14,5% de opção por parte do eleitorado. Subindo para 18,8% nos resultados da última pesquisa do dia 26 do mesmo mês.

As propostas do PT são a base desse sucesso. Propostas

que chegam fácil à população pelo que representam de reais. O bom desempenho de Maria Luiza e de Américo Barreira (o candidato a vice), em debates pela televisão e pelo rádio, aliado à bem organizada e dinâmica participação do conjunto militante, facilitam o avanço da candidatura petista.

Maria Luiza Fontenele está no páreo para ganhar. Isto é reconhecido não só pela imprensa, mas também pelos próprios adversários. A ponto de o PMDB admitir que a tendência da campanha é a polarização entre o partido do governo Sarney e o PT.

Na realidade, estamos perto de atingir um objetivo: ultrapassar os 20% da preferência. Quando isso ocorrer (e é o que todos nós acreditamos), não haverá triunfalismo em se afirmar: vai dar PT na cabeça.

A MARCHA DA CAMPANHA

7

Nossa 13 PT
POR QUE PT ?

Participação Popular

Porque o PT luta pela participação popular não apenas enquanto está na oposição, mas, principalmente, quando é governo. E o PT quer que o povo participe realmente da tomada de decisões do governo! Nada da cooptação, de presença apenas para constar, de falsas comissões consultivas — como os governos da ditadura muitas vezes fizeram e os do PMDB e da Aliança Democrática vêm fazendo ultimamente. O PT defende o povo no poder. Portanto, luta pela participação do povo na elaboração de orçamentos, na escolha de prioridades, no planejamento das diretrizes e linhas de governo. O PT defende uma administração pública inteiramente transparente, aberta não apenas à fiscalização mas principalmente à efetiva atuação de representantes populares.

É isso o que o PT vai implantar. Por isso é fundamental votar nos candidatos do Partido dos Trabalhadores.



Cubatão: A "virada" começou. Vai dar PT

O PT está nos calcanhares da vitória em Cubatão, uma cidade estrategicamente importante do ponto de vista sócio-econômico e político. Dojival Vieira, vereador, jornalista e militante das lutas do povo, desde 1979, é o candidato a prefeito da cidade mais poluída do mundo, responsável pela concentração de 3% do Produto Interno Bruto brasi-

leiro e, ao mesmo tempo, um dos principais pólos de miséria e exploração do país.

Na primeira pesquisa, Dojival apareceu com 8% da preferência popular. Enfrentando desde as forças mais reacionárias às mais populistas e demagógicas da região, o candidato do PT passou à ofensiva, apresentando uma campanha baseada num programa de propostas claras e viáveis. "A vida só vai mudar com um governo popular" é o slogan da campanha, sustentando em 13 pontos básicos, que vão da criação de conselhos populares, empresa de transportes coletivos, legalização e urbanização de todas as favelas, estímulo à criação de cooperativas de abastecimento por local de moradia, escola gratuita, democrática e popular, até a outras propostas de interesse popular.

Por tudo isso e pela capacidade de mobilização militante junto aos movimentos populares é que Dojival pulou dos 8 para 13%, tornando concreta a palavra de ordem colocada nos muros da cidade e assumida pelo povo: "A virada começou".

Um quadro muito bom

O Partido dos Trabalhadores está apresentando um bom perfil de campanha em vários municípios brasileiros. Além dos mostrados no painel, temos o caso de Paulo Afonso, do interior da Bahia, onde o companheiro Manoel Alcides Coelho está com seguras chances de ganhar. Com 28% da preferência popular, logo na largada, a candidatura petista continua crescendo.

Da mesma forma, vai muito bem o desempenho de Geraldo Pastana, em Santarém. Ali, o Partido dos Trabalhadores aparece

Araxá: Quem vai ganhar?

— Quem ganha a eleição em Araxá?

— Vai dar PT.

O diálogo acima aconteceu entre o repórter de um grande jornal e o balconista de uma padaria da cidade. E não é de estranhar a convicção do trabalhador. Afinal de contas, Juarez França, candidato do Partido dos Trabalhadores à Prefeitura de Araxá, obteve, de saída, 24% da preferência dos entrevistados na primeira pesquisa realizada. Isso há mais de um mês.

Existem 39.000 eleitores em Araxá. O PT, com Juarez e Luiz Henrique que (candidato a vice-prefeito), está crescendo também eleitoralmente na cidade. Enfrenta sozinho as "máquinas" montadas pelos outros quatro partidos que disputam a eleição. Faz uma campanha de base, oferecendo um programa voltado, de forma viável, para os interesses populares.

Por tudo isso, tem razão o balconista: vai dar PT em Araxá.

Manaus: PT pode surpreender

Lutando sozinho contra o poder econômico, contra a máquina governista e praticamente sem recursos, o PT, com o candidato Aloysio Nogueira, está fazendo bonito na campanha pela Prefeitura de Manaus. Até encerrarmos esta edição, a candidatura petista ocupava o segundo lugar nas pesquisas, com declarada tendência de crescimento.

Com um programa aberto e claro, sem demagogia, sem promessas mirabolantes, Aloysio vai conquistando o eleitorado manauense e ganhando espaços na classe média. Dispõe o candidato petista de boa base de massa entre professores, metalúrgicos, motoristas e bancários.

Contra uma frente enorme (PMDB, PFL, PC, PTB e PC do B), além de lutar contra o PDS e o PDT, que têm candidaturas próprias, a perspectiva do PT em Manaus não foge à possibilidade de causar uma boa surpresa, ou seja, reverter o quadro atual e chegar na frente.

POR QUE PT ?

Prioridades públicas

Porque o PT luta para que os governos, do nível local ao federal, façam uma total inversão no estilo de governar: a prioridade nº Um do poder público deve ser a imensa maioria da população, a grande massa dos trabalhadores do campo e da cidade, e não (como vem sendo até agora) as elites minoritárias, os empresários, os amigos e parentes de quem esteja no governo. O PT quer virar a mesa: vai lutar para municipalizar transporte, rede de escolas e de saúde, cooperativas de habitação, armazéns e entrepostos com rigoroso controle de preços dos gêneros, etc. E o próprio governo vai construir suas obras, produzir seus materiais fundamentais e executar seus serviços. Com isso, o desemprego vai diminuir! E os serviços públicos vão ficar muito mais baratos! E a inflação vai cair!

É assim que os petistas vão governar. Por isso é fundamental votar nos candidatos do Partido dos Trabalhadores.

OPOSICÃO NA PREFEITURA

disputando diretamente o primeiro lugar. O mesmo acontece em Xapuri, no Acre. Município em que o PT está colocado como favorito na campanha, tendo como candidato o companheiro Francisco Alves Mendes Filho.

É boa, também, a situação do PT em São Sebastião, no interior paulista. A candidata à Prefeitura é Elizabete dos Santos Chagas, que vem fazendo uma campanha com muita desenvoltura, e as chances de ganhar existem realmente.



Diadema: a Prefeitura do PT

Diadema (SP) tem 24 quilômetros quadrados, 350.000 habitantes, 100.000 favelados e um prefeito do PT. A base de sua economia são as indústrias de pequeno e médio porte (1.029); 30% da população é analfabeta (44 escolas estaduais e 57.000 estudantes), e este Município carente é a única administração do PT em todo o país. Por este motivo, pode ser tomado como parâmetro pelos candidatos petistas que disputarão as eleições em 15 de novembro.

Na campanha eleitoral em 1982, o prefeito Gilson Menezes enfrentou, praticamente, as mesmas dificuldades que nossos candidatos enfrentam agora, sempre tendo que ouvir dos contrários que "operário não sabe governar". Porém, um fato interessante ocorreu nos primeiros dias de sua administração: para reparar um trecho da pista de uma avenida do centro da cidade, Gilson contratou uma empreiteira, sem abrir concorrência, pois se tratava de obra urgente. O reparo acabou ficando mais barato do que outro semelhante realizado três meses antes pela administração anterior.

Participação popular

A população tem o direito de discutir como empregar o dinheiro que ela paga através de impostos. Esta também é a proposta do PT, e que está sendo cumprida em Diadema. Este é o terceiro ano em que a população se reúne, discute e determina as prioridades para o orçamento da Prefeitura.

Comparando o orçamento doméstico com o orçamento da Prefeitura, os técnicos do Departamento de Finanças expõem aos representantes dos onze bairros do Município como funciona o mecanismo da administração. Esses, por sua vez, transmitem o recado aos demais moradores de seus bairros.

Diadema é o 12º Município em arrecadação de ICM (Imposto sobre Circulação de Mercadorias), que representa 70% de sua receita. E, da discussão com a população, ficou clara a necessidade de haver uma reforma tributária para que a administração municipal possa cumprir seus compromissos; 80% desse imposto é absorvido pelo Estado e apenas 20% é repassado para os 573 municípios paulistas. Além dis-



Gilson Menezes — prefeito de Diadema



Favela urbanizada — Jardim Goyotim

so, dos 19 bilhões de cruzeiros do orçamento de 1984, apenas 10% pôde ser aplicado no atendimento das reivindicações da população, pois 40% foi destinado ao pagamento das dívidas assumidas na administração anterior e 50% no pagamento dos servidores municipais.

Urbanização

Em fevereiro do ano passado, a Prefeitura de Diadema adquiriu maquinária para a montagem de uma usina de solo-cimento (funcionando em fase experimental) com capacidade para produzir 2.800 blocos/dia. O tijolo de solo-cimento é de boa qualidade e 40% mais barato do que os blocos comuns, e esse material já está sendo utilizado na construção de escadarias, muros de arrimo e casas-modelo. A Prefeitura ainda pretende utilizar esse material na construção de casa, em mutirão, pelos próprios moradores.

Conforme foi determinado pela população, a prioridade em obras para 1985 foi o assentamento de guias e sarjetas, pavimentação e esgoto (de responsabilidade do governo do Estado),

e construção de escolas. A Prefeitura do PT já implantou 11.400 metros de guias e sarjetas, construiu cinco escolas de educação infantil (EMEI's), além de um pronto-socorro, um instituto médico-legal (IML), dezenas de muros de arrimo, pontes, e trabalha agora na canalização de córregos. No balanço feito no segundo ano da administração petista, constatou-se que foram entregues à população muito mais obras do que nos seis anos da administração anterior.

Outro passo importante na melhoria do nível de vida está sendo dado em Diadema pelos favelados — um terço da população local — e pela Prefeitura. Em julho de 1984, os favelados, em seu 2º Encontro Municipal, decidiram que para legalizar o direito de posse nas áreas ocupadas por favelas, a Prefeitura deveria encaminhar a Concessão de Direito Real de Uso sobre as áreas públicas. O projeto foi encaminhado à Câmara em julho de 1985 para ser discutido e votado pelos vereadores. A primeira votação já foi realizada, aprovando o projeto, que ainda deverá passar por uma segunda votação.

O projeto atinge aproximadamente 97.000 metros quadrados, beneficiando 1.634 famílias.

Os favelados beneficiados terão direito à posse, garantida por noventa anos, mas a propriedade continua sendo da Prefeitura. As famílias beneficiadas declararão, sob pena de lei, que não possuem outro imóvel, e será feita uma seleção junto com a comissão de cada favela. A Concessão de Direito Real de Uso não é um presente, e sim um retorno de um pouco daquilo que nos foi e ainda é tirado.

Outra iniciativa da Prefeitura petista de Diadema foi a urbanização das favelas, que até agora atingiu 44 núcleos; 18 em fase de urbanização, 16 em fase final e 10 em fase inicial. Ligações individuais de água foram instaladas em 2.116 barracos e 2.950 moradias receberam luz.

Outras medidas

O plano comunitário de pavimentação foi outro projeto realizado pela Prefeitura do PT, sempre em conjunto com a comunidade. O interesse partiu de quinze famílias que procuraram a Prefeitura para, num trabalho coletivo, asfaltar algumas vias. A participação popular foi fundamental nesse projeto, que já atingiu 67 ruas. Cada morador está pagando de acordo com a metragem de sua casa — 5 metros de frente, 342.000 cruzeiros, em seis prestações de 57.000.

Negociações para a fixação de novas tarifas de ônibus foram realizadas em reuniões abertas com a participação do prefeito, de diretores da Administração Municipal, a Comissão de Usuários e donos da empresa concessionária, entre outros. A Prefeitura controla o índice de passageiros por quilômetro, as folhas de pagamento e as despesas da empresa de transportes para estabelecer um reajuste aceitável. Assim, foi conquistado o passe gratuito nos ônibus para desempregados, aposentados e idosos (mais de 60 anos), além da ampliação de linhas e melhor conservação dos veículos.

É bom salientar que todas as mudanças realizadas em Diadema têm como principal fator a participação da população — que é uma das principais propostas do PT para a Prefeitura.

Marisa Lourenço

“Plenário” O povo Constituinte

Constituinte é coisa simples, fácil de entender e participar. Só os que querem manter o povo afastado procuram complicar a discussão.

Pela primeira vez, o povo está disposto a interferir na elaboração de sua proposta de vida. E isto: Assembléia Nacional Constituinte deve ser o povo dizendo como quer viver. Como quer arrumar seu país. Não é mais que isto. Não pode ser menos que isto. Deve ser só isto.

E para que seja assim a Constituinte, é que várias entidades civis, como sindicatos de trabalhadores, centros de defesa de direitos humanos, entidades estudantis, a OAB, a CNBB e associações profissionais, reuniram-se em 28 de fevereiro deste ano na Câmara Municipal de São Paulo. Naquele noite nasceu o “Plenário Pró-participação Popular na Constituinte”. Nome comprido, mas que está complicando a vida dos que sempre escreveram as Constituições usurpando a vontade popular.

O “Plenário”, já agora, começa a se tornar numa das mais vigorosas respostas à proposta Sarney de convocação da Constituinte. Reunindo mais de quinhentas entidades de quase todos os Estados do Brasil, levou aos presidentes da Câmara, do Senado e da República a desaprovção da sociedade civil à proposta oficial de convocação. Diz a eles que o povo quer uma Constituição de verdade: homens e mulheres eleitos para ir a Brasília escrever a Constituição, e voltar para casa. Só isto. Deputado e senador são outra coisa. Deputado e senador escrevem lei ordinária.

O “Plenário” exige que se coíba o poder econômico nas eleições da Constituinte, para que trabalhador possa votar em trabalhador, pobre votar em pobre. Que se revoguem as leis da ditadura. Pois com

Lei de Segurança Nacional, Lei de Greve, Lei de Imprensa... eleição é mentira. Que se criem comissões consultivas municipais, para que todo cidadão, até o mais despossuído, possa falar como quer viver. Que nasçam dessas comissões populares as propostas para a Assembléia Constituinte debater em Brasília. Que se dispensem os “notáveis” já convocados pelo presidente da República. Até porque entendemos que constituição é um documento pré-jurídico. É uma carta social, política. Que os “iluminados” venham depois, quando o povo já tiver decidido como quer viver, como quer reescrever sua vida. Então será a vez dos juristas, para arrumar no papel as propostas aprovadas. Nada mais. Além disto é usurpação.

O “Plenário” é assim. Um espaço livre onde circulam as mais diversas entidades de trabalhadores, unidos pela certeza de que a Constituinte, séria, limpa, livre, é o sonho maior de um povo. Que Constituinte é coisa simples, fácil de entender e participar. Só procuram complicá-la exatamente aqueles que têm interesse em manter o povo afastado dessa discussão.

Reunindo-se às quartas-feiras às 20 horas na Sala do Estudante da Faculdade de Direito do Largo de São Francisco em São Paulo, o “Plenário” cresce rápido. É uma bola de neve em rota de colisão com os usurpadores da vontade popular. Está aberto a todos os partidos, é suprapartidário. Mas, e não deve ser por acaso, só o Partido dos Trabalhadores está presente, e sente-se em casa ali.

JAIRO FONSECA - “FWP”

A ecologia e nós

Para falar de ecologia basta lembrar Cubatão ou o Projeto Jari. O tempo que o trabalhador fica dentro de um ônibus para chegar ao local de trabalho também é objeto de estudo da ecologia. O tipo de alimento que consumimos e, por incrível que pareça, a nossa representação do que seja felicidade está na pauta do assunto ecologia. Queremos dizer com isso que a questão ecológica tem condições de fazer a crítica dos modelos econômicos vigentes, a partir do questionamento da noção de “progresso” que se encontra tão enraizada na concepção capitalista de bem-estar social. Neste sentido, se pode dizer que tanto o interesse pelos estudos ecológicos como o desenvolvimento do movimento ecologista são uma consequência do desenvolvimento espetacular das forças produtivas a que temos assistido a partir da Re-

volução Industrial, baseado no consumo maciço do capital natural da Terra e da superexploração do trabalho de uma parte da Humanidade, que têm conduzido a um sério deterioramento do meio ambiente e da qualidade de vida da maioria da população do planeta.

O tema ecologia precisa ser desenvolvido dentro do PT. No plano da política partidária vemos a sua oportunidade quando relacionada com a Constituinte e as eleições para prefeito. O PT precisa capacitar-se para responder a esta questão, para que possamos acompanhar as expectativas de muitos filiados e simpatizantes que atualmente estão na órbita do PT mas não influem diretamente na vida partidária. O debate está aberto.

David Ratcov



Informes da Fundação

A Fundação Wilson Pinheiro elaborou módulos de seminários que têm por objetivo promover a discussão do tema “Política Municipal” e de sua importância na luta dos trabalhadores, associando tal discussão com as eleições municipais de novembro de 1985 e a participação do PT na disputa eleitoral. Os módulos contêm todas as instruções e o material necessário para a realização de seminários, que podem ser organizados em cada município pelos dirigentes locais da campanha eleitoral, sem a necessidade de infra-estrutura ou pessoal especializado.

O Seminário é oferecido em três módulos diferentes, contendo o mesmo material, mas variam em função do número previsto de participantes. O Tipo A é módulo de Seminário para um monitor e cinco participantes. O Tipo B é para dois monitores e dez participantes.

O Comitê Eleitoral Nacional do PT, o Diretório Nacional do Partido e a Fundação Wilson Pinheiro, por razões de ordem financeira, não têm condições de oferecer o Seminário gratuitamente aos Comitês Eleitorais Municipais. Em função disso, recomenda aos Comitês que ad-

quiram os módulos, conforme o tipo, pelos seguintes preços: Tipo A — Cr\$ 60.000 (sessenta mil cruzeiros)

Tipo B Cr\$ 120.000 (cento e vinte mil cruzeiros)

Tipo C — Cr\$ 330.000 (trezentos e trinta mil cruzeiros).

Os interessados podem solicitar os módulos nas quantidades desejadas à Fundação Wilson Pinheiro, pelos telefones 575-3764 - Ana, ou 571-0614 - Mauro.

Maiores informações, na Fundação Wilson Pinheiro, av. 11 de Junho, 260, Vila Clementino, CEP 04041, São Paulo.

PUBLICAÇÕES

A Fundação conta atualmente com um Setor de Publicações em Porto Alegre, RS, sob a responsabilidade do companheiro Antônio Hohefeldt, e tem publicados os seguintes títulos:

o *Política Cultural*
o *Política Urbana*
o *Política Municipal*

Política Agrária - out/85

Constituinte - nov/85

Pedidos poderão ser feitos pelo telefone 575-3764 com Ana, ao preço de Cr\$ 10.000, cada exemplar.

“Luas pretas” assustados com Suplicy

A decolagem da candidatura Suplicy em São Paulo explodiu como uma bomba na assessoria peemedebista. Os “luas pretas” do candidato oficial estão preocupados, principalmente, com a crescente penetração de Suplicy entre a juventude. Por isso, encomendaram uma análise extra, da recente pesquisa do Gallup, para medir o potencial de crescimento do candidato petista por faixa etária. Os luas pretas oficiais imaginavam que o PT não passaria de 10% dos votos em São Paulo. Agora temem que a preferência da juventude pelo PT leve-o a superar substancialmente essa marca, estreitando o espaço disponível ao candidato oficial.

13
Sorte Nossa

Um trator para a Nicarágua

Conforme decisão dos comitês brasileiros de solidariedade à Nicarágua, a Coordenação em São Paulo está empenhada numa campanha de “Tratores para a Nicarágua”, atendendo à solicitação de organismos nicaraguenses. Além de tratores, a campanha busca arrecadar alimentos, remédios e dinheiro, que deverão ser enviados ainda este ano para a Nicarágua. O PT, que participa da coordenação paulista, está empenhado nessa campanha e convoca os seus militantes e simpatizantes a que colaborem, freqüentando suas reuniões, organizando palestras e cursos em seus diretórios e ajudando financeiramente, através de arrecadação em bairros, fábricas, sindicatos, etc.

Reuniões da Coordenação: todas as quintas-feiras, às 19h30, na Câmara Municipal de São Paulo.

Conta bancária: Unibanco, conta nº 105.835/3 - Agência 463 (av. Pedroso de Moraes, São Paulo).

Carlos Antunes - Secretária de Relações Internacionais do PT



Na terra dos sem terra

*Trabalhadores avançam,
tomam terras, fundam o PT*

Barra de São Francisco

Companheiros:

Já é de vosso conhecimento que estamos na luta pela ocupação da terra no Município de Barra de São Francisco, aproveitando a oportunidade do plano de distribuição de terras do governo do Estado do Espírito Santo. No dia 17 próximo passado, adentramos em uma área no distrito de Córrego Azul, com aproximadamente 100 alqueires, de terras devolutas, todas em capoeira grossa e matas, com 89 trabalhadores rurais, sindicalizados em nosso sindicato. Desbravamos quase 2 alqueires em um dia de trabalho e lá edificamos barracas para que os trabalhadores ocupantes permaneçam em vigília constante, até decisão do órgão competente do Estado do Espírito Santo, que prometeu fazer a distribuição das referidas terras aos nossos trabalhadores.

Acontece que as nossas vidas estão em perigo, pois os burgueses e opressores do nosso Município estão contratando pistoleiros para eliminar a nossa pessoa, bem como aqueles trabalhadores que se encontram em vigília na mencionada terra.

Dia 22 de agosto, alguns de nossos companheiros foram intimados a comparecer na delegacia de polícia local, e um de nossos líderes sindicais de base, Antônio Vitorino Neto, foi preso por ordem verbal do juiz de Direito de Barra de São Francisco, sem nenhuma ordem por escrito, como se Barra de São Francisco fosse uma cidade sem lei, como aquelas que vemos em filmes de faroeste.

Companheiros, o clima não é bom para nós dirigentes do sindicato, bem como para os demais companheiros combativos de nossa região. Contamos com o apoio maciço dos companheiros, em todos os sentidos, para chegarmos à conquista por nós almejada. Contamos com vocês.

Saudações sindicais.

Valdir Bergamo — presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Barra de São Francisco.



Cynthia Brito 1/4



Cuiabá, MT

A região do Vale do Guaporé, no extremo Oeste de Mato Grosso, é uma área de terras muito férteis, e a disputa pela terra tem causado muita violência e morte de posseiros que para lá vão à procura de terra.

Na região que abrange os municípios de Pontes, Lacerda e Vila Bela existem cerca de quinze áreas de conflito, atingindo, em algumas delas, mais de 300 famílias. Nos últimos meses, a violência de policiais e jagunços contra posseiros tem crescido assustadoramente. As áreas de maior tensão têm sido a Gleba Cágado e a Gleba Funai. Na primeira, os trabalhadores vêm sofrendo perseguição da polícia de forma brutal e ostensiva (barracos queimados, plantações destruídas, mulheres e filhos ameaçados e espancados). Um dos posseiros, José Libânio da Silva, foi ferido a bala pela polícia, quando se encontrava a 3 quilômetros da área litigiosa.

Na Gleba Funai, área devoluta e há dois anos em disputa entre fazendeiros e posseiros, aconteceram muitas atrocidades: espancamento, ameaças de morte, queima de barracos, destruição de plantações, desaparecimento de posseiros, culminando com a expulsão dos ocupantes. Hoje, a área está sendo devastada pelo fazendeiro Zigomar Ferreira, que está recorrendo à prática criminoso da escravidão branca e para tanto conta com apoio e cobertura da Polícia Militar do Estado de Mato Grosso e de jagunços que, fortemente armados, ficam à margem da Rodovia Cuiabá-Porto Velho impedindo a fuga de trabalhadores que se encontram sob o citado regime.

Um desses trabalhadores que conseguiu escapar da Gleba denunciou, em companhia de um deputado estadual, que os trabalhadores são vigiados até na hora de tomar banho e dormir.

Por isso, solicitamos aos companheiros que enviem telegramas ou cartas de protesto às seguintes autoridades:

Ministro da Justiça — Fernando Lyra — Esplanada dos Ministérios — 70000 Brasília — DF, e para o Dr. Oscar Travassos — Secretário de Segurança Pública do Estado do Mato Grosso, Rua Manoel Leopoldino, 505 — 78000 — Cuiabá - MT.



Duque de Caxias, RJ, 9 de setembro de 1985

Aos companheiros da Comissão Política um abraço!

Francisco Beltrão é o pólo principal das lutas camponesas no Paraná. É nessa região que se concentram a maioria dos sindicatos que estão nas mãos dos trabalhadores ligados à CUT. É ali também que o movimento dos trabalhadores Sem-Terra ganha maior força e expressão. Hoje, no Paraná, e principalmente no Sudoeste, nós temos sete acampamentos de Sem-Terra. Ali se realizou um encontro, nos dias 7 e 8 de setembro, de grande importância para o PT.

Ocorre que, historicamente, os companheiros dessa região estavam ligados ao antigo MDB, depois PMDB, pela atuação do deputado federal Euclides Scalco, da esquerda independente do PMDB. Uma independência muito grande, tanto pessoal como ao nível da condução dos trabalhos.

Nestas condições, nosso investimento na região foi sempre

muito discreto, uma vez que tínhamos consciência de que não adiantaria querer queimar etapas no processo da criação do Partido na região. Decidimos investir na articulação sindical, pró-CUT, porque tínhamos a certeza de que a própria evolução da luta dos companheiros iria levá-los a uma rota de colisão com o reformismo do PMDB.

Realmente, o avanço do movimento na região foi provocando crescentes contradições entre os trabalhadores e o pessoal do PMDB, agora no poder.(...) A partir do início deste ano, o processo teve uma evolução mais rápida.(...) Há três meses, dois fatos ajudaram o nascimento real do Partido na região:

1º) o incidente ocorrido em Capanema, onde, por discordar da condução do processo eleitoral, todo o pessoal ligado ao Sindicato de Trabalhadores Rurais decidiu criar o PT e lançar candidato próprio às eleições municipais (com chance de fazer excelente votação, a tal ponto que é possível uma coalizão de todos os partidos locais contra o PT, e o governador Richa decidiu instalar seu governo por uma semana em Capanema).

2º) a decisão do pessoal do sindicato de Francisco Beltrão, cidade pólo da região e onde se encontra a liderança de ponta da região, de promover três encontros para debater a "questão política": o sindicato assumiu a responsabilidade de reunir a principal liderança da região e discutir qual a opção partidária que os trabalhadores deveriam tomar. Fizeram um estudo sobre a estrutura da sociedade capitalista; analisaram as diversas propostas de mudança que estão hoje tentando se firmar; e promoveram debate com um representante de cada um dos partidos presentes na região: PDS, PMDB, PDT e PT. (...) O resultado foi o mais auspicioso possível para o nosso Partido. Por unanimidade escolheu-se o PT. Foi interessantíssimo ver a "colônada" muito consciente de dizer o porquê de sua opção.

A partir desse momento, o sindicato formalmente deu por cumprido o seu papel nessa questão e o grupo passou a planejar, já como PT, seus próprios passos: a) reunião em cada comunidade (colônia) do Município, para a divulgação do Partido e criação dos pré-núcleos; b) dois dias de estudo de aprofundamento sobre o Programa do PT e sobre "o que significa ser PT na região rural e urbana do

Sudoeste do Paraná". Criação oficial dos núcleos e início do processo de filiação.

A data deste estudo está prevista para 26 e 27 de outubro, convidando companheiros de todos os municípios da região onde se têm contatos; c) realização da pré-convenção oficial em janeiro, com o lançamento do Partido na região e no Município, num ato de massa.

A impressão que me fica é que esta opção destes companheiros pelo Partido vai, a médio prazo, modificar profundamente a fisionomia do Partido no Estado, uma vez que o pólo mais dinâmico do movimento passa a dar nova vida ao Partido. Juntamente com o pessoal de Capanema, Dois Vizinhos, Guaira, Pérola e Tapira, esse pessoal que entra agora representa o que há de melhor na luta dos trabalhadores no Estado.

Resta a gente continuar firme na articulação do que chamamos "pólo classista" no Estado e construir de fato o PT que sonhamos.

Um abraço a todos, *Gilberto Carvalho* — membro do Diretório Nacional.

Contagem regressiva

Ao contrário do que insinua a imprensa burguesa, o BOLETIM NACIONAL, como o PT, não recebe dinheiro da Alemanha. Quem contribui conosco é você.

Assim, a partir desta edição, o BOLETIM NACIONAL somente será enviado aos que estiverem no cadastro de assinantes. Faça de preferência a assinatura bianual, de Cr\$ 20.000 (a anual custa Cr\$ 12.000). Se você não pode pagar a assinatura, procure companheiros na mesma situação e façam uma vaquinha, de forma que o grupo pague por uma assinatura, ainda que seja apenas uma assinatura semestral, no valor de Cr\$ 6.000.

E atenção: o companheiro que não conseguir fazer uma assinatura nem mesmo dessa forma deve escrever ao BOLETIM NACIONAL pedindo a manutenção de seu nome no cadastro. Isso se torna necessário para a depuração e atualização do cadastro, a serem concluídas neste mês. Veja o cupom de assinatura.

Quem não gosta do PT?

São Paulo, 17 de setembro de 1985

Como jornalista na cidade de São Paulo e simpatizante do PT, eu quero denunciar através de BOLETIM NACIONAL a maneira pela qual a imprensa paulista, principalmente a escrita, vem tentando massacrar o PT, jogando a opinião pública contra o Partido e os trabalhadores, deturpando a verdade dos acontecimentos, como se o PT fosse um mal para o país.

Modestamente, eu acho que o PT representa um grande mal, mas não para o país e sim para os banqueiros, que têm lucro de 400% ao ano; para 1% dos proprietários de terras, que sozinhos detêm 50% das terras agriculturáveis do Brasil; para as multinacionais, que procuram de todas as formas fazer com que o metalúrgico brasileiro continue a ter um dos mais baixos salários do mundo, com a maior carga horária de trabalho semanal, só comparada com a da Coreia do Sul; para 10% de brasileiros que formam a classe rica e detêm 50% da renda dos brasileiros — e essa porcentagem vem aumentando ano após ano, enquanto os trabalhadores perderam 40% do valor real dos seus salários nos últimos anos.

Agora eu faço uma pergunta à imprensa paulista, que mais traduz os jornais norte-americanos do que expõe seus próprios pensamentos, que destrói o que temos de bonito e se vangloria do lixo *made in USA*, se ela não é financiada por toda esta máfia dos dólares?

Dejanir - Capital



Vila Esperança contra a COHAB

Panambi, RS, 11 de setembro de 1985

Companheiro Lula:

Esta carta tem por objetivo lhe apresentar informações sobre o trabalho comunitário realizado na Vila Esperança, nesta localidade, pois você esteve na Vila em 10/12/83. Com tal finalidade estamos lhe remetendo um exemplar do boletim "A libertação dos trabalhadores será obra dos próprios trabalhadores", de agosto do corrente ano, feito pelo núcleo do PT da citada vila, que por si só se explica.

Seria muito bom se pudesse ser publicado no BOLETIM NACIONAL, que tem sido um ótimo veículo de propaganda do PT naquela vila.

Diretório Municipal do PT — Comissão Independente dos Moradores da Vila Esperança.

(Trecho extraído do Boletim nº 3 do Núcleo da Vila Esperança — PT).

O trabalho comunitário realizado nesta Vila tem sido apoiado por este Núcleo do PT, que completou dois anos dia 18/8/85. Houve vitórias, como a colocação na prática da proposta aprovada na reunião de moradores com relação ao não pagamento das prestações à COHAB/RS, devido a irregularidades legais e técnicas. A maioria dos moradores não está pagando as prestações e nada aconteceu com eles, sendo isto uma brilhante vitória da nossa união, da nossa organização, da nossa luta, de acordo com o nível de consciência já alcançado pela maioria dos moradores. Estamos propondo que, além de continuarmos a não pagar as prestações, não iremos assinar mais nenhum documento com a COHAB, inclusive não a procuraremos mais, pois nós somos os legítimos donos daqui. Lembramos que do valor emprestado pelo BNH à COHAB/RS foi gasto na construção dos 263 embriões uma quantia inferior a 26 milhões de cruzeiros. Onde está o dinheiro que não foi aplicado aqui?...

Ao invés de procurar a COHAB/RS para ela consertar os embriões danificados e ficarmos, depois, de novo sob a "pressão" dela, nós podemos criar uma comissão de moradores, em reunião integrada por pessoas honestas, para pedir donativos em forma de material de construção, em mutirão, consertaremos as casas.

A farsa da Constituinte

Parambu, CE, 16 de agosto de 1985.

A convocação da Assembleia Constituinte deve representar um corte definitivo com o antigo regime ditatorial, iniciando a abertura de um tempo novo em que todo o povo brasileiro possa ter acesso à terra, emprego, riqueza, participação, ver reconhecidos os seus direitos e ganhar a possibilidade de dirigir, como protagonistas, a política do país.

A mensagem do presidente José Sarney ao Congresso Nacional convocando a Constituinte é contrária à vontade popular, que exige:

a) Uma Assembleia especificamente eleita para elaborar a Constituição que termine seu mandato num prazo definido.

b) Que os deputados constituintes sejam eleitos diretamente pelo povo, em número proporcional à população de cada Estado.

c) Que os movimentos sindicais e populares que compõem a sociedade civil possam apresentar candidatos próprios sem vinculação partidária.

d) Que os candidatos constituintes tenham acesso gratuito aos meios de comunicação social.

e) Que o povo organizado nos seus municípios e nas suas organizações de classe apresente propostas e anteprojeto a serem discutidos pela Assembleia Nacional Constituinte.

f) Que a Constituição elaborada seja referendada diretamente pelo povo através de plebiscito.

Nós da Comissão Pró-Constituinte de Parambu-CE convidamos deputados, senadores, forças políticas e sociais a apoiarem essas reivindicações.

Nosso endereço: Câmara dos Vereadores - Rua Manuel Alexandre - Parambu, CE - CEP. 63680.



PT pede a notificação de Bornhausen

Por calúnia, injúria e difamação

Antigamente acusavam os partidos de esquerda de receberem "ouro de Moscou". Hoje acusam o PT de receber marcos alemães. As calúnias vieram do senador Bornhausen, irmão do banqueiro Bornhausen, presidente da Federação Nacional dos Bancos. A Comissão Executiva Nacional do PT reagiu imediatamente às calúnias de Bornhausen, e está pedindo ao Supremo Tribunal Federal que notifique o caluniador para que confirme suas declarações — primeiro passo para um processo. Ao mesmo tempo, o PT pede ao Ministério das Relações Exteriores que investigue o assunto junto ao governo da República Federal da Alemanha. Eis os documentos encaminhados por Hélio Bicudo em nome do Partido dos Trabalhadores.

"São Paulo, 23 de setembro de 1985"

"Senhor Ministro

"O Partido dos Trabalhadores, por seu presidente, comparece, respeitosamente, à presença de Vossa Excelência, para expor e solicitar o que segue.

Pelo noticiário estampado nos jornais de maior circulação no País, com repercussões locais, a partir de 12 do corrente, a propósito de viagem de parlamentares e dirigentes do Partido da Frente Liberal à República Federal da Alemanha, começaram a surgir informações de que o Partido dos Trabalhadores, de forma indireta, recebia fundos daquele Governo, o que é vedado pela lei brasileira (artigos 91, I, e 92, da Lei 5.682, de 21 de julho de 1971). Essas informações passadas por membros destacados do PFL à imprensa, não desmentidas com clareza, como era de se esperar de políticos cômicos de sua missão, estão a merecer completos e cabais esclarecimentos por parte do Governo da República Federal da Alemanha, pois aqui chegaram, por ignorância ou má fé, distorcidas, prejudicando o seu exato conhecimento pela opinião pública brasileira, e, destarte, maculando sem razão plausível a imagem de um partido político que se tem feito respeitável, pelas suas posições no combate pela moralidade no trato da coisa pública.

Nessas condições, o Partido dos Trabalhadores solicita a Vossa

Excelência que se digne de dirigir-se ao Governo da República Federal da Alemanha, dando conta do fato e pedindo esclarecimentos, os mais completos, sobre a questão aqui sucintamente narrada, apoiada nas cópias de notícias e comentários da imprensa brasileira.

Confiante no alto espírito público do ilustre Ministro, o Partido dos Trabalhadores aguarda uma ação urgente e imparcial de Vossa Excelência, para final esclarecimento do povo brasileiro, sobre fatos nada dignificantes para quem os falseou.

Com profundo respeito e a mais alta consideração, subscreve-se o Partido dos Trabalhadores, por seu representante legal.

Luis Inácio Lula da Silva
A Sua Excelência Ministro Olavo Setúbal
Ministério das Relações Exteriores do Brasil
Brasília - Distrito Federal
"Excelentíssimo Senhor Ministro Presidente

do Supremo Tribunal Federal
"O Partido dos Trabalhadores, por seu representante legal, infra-assinado, vem, nos termos do artigo 25, c.c. artigo 29, ambos da Lei 5.250, de 9 de fevereiro de 1967, requerer a V. Excia. que se digne de ordenar a notificação do Senador da República Jorge Bornhausen para que dê satisfatórias explicações sobre informações que fez veicular pela imprensa nacional, de caráter calunio-

so, injurioso e difamatório, as quais confirmadas configuram *data venia*, os delitos dos artigos 20, 21 e 22 da mesma Lei 5.250/67.

Na forma de noticiário conseqüente a declarações do aludido senador, que estivera, na qualidade de parlamentar e de presidente do Partido da Frente Liberal, em visita à República Federal da Alemanha, ali, de altas autoridades do Governo alemão, colhera ele, segundo observou, informações de que verbas, que se traduziam em cerca de dois bilhões de marcos alemães, teriam sido entregues ao Partido dos Trabalhadores, por via indireta, ou, mais claramente, repassadas por órgãos brasileiros da Igreja Católica.

Essas inverdades em forma de noticiário veiculado pela imprensa foram amplamente divulgadas, às vezes claramente, outras, por forma dissimulada, como aconteceu no discurso em que o senador Jorge Bornhausen, falando no Senado Federal, buscava, segundo afirmou, esclarecer o assunto, oportunidade em que, entretanto, reafirmou as anteriores e gratuitas informações passadas à opinião pública, sobre o recebimento pelo Partido dos Trabalhadores de verbas do Governo alemão, repassadas por órgãos brasileiros da Igreja Católica.

E, assim, depois de revelar que apenas dez por cento dos recursos carreados ao Brasil, nos programas de ajuda promovidos pelo Governo alemão, foram entregues às igrejas e não somente à Igreja Católica, não faz nenhuma afirmativa clara e precisa sobre o pretendido repasse de verbas ao Partido dos Trabalhadores.

Muito pelo contrário, pois, ao pretender profligar intenções do Presidente Nacional do Partido dos Trabalhadores, que, justamente indignado com o conteúdo do noticiário dos jornais asseverava que iria processá-lo por crime contra a honra, reafirmou, em verdade, as anteriores acusações, fazendo-o de manei-

ra sibilina, maliciosa e reticente, quando disse, no referido discurso, que a reação ingênua do líder petista lhe dava "o direito de passar a desconfiar da origem dos recursos de que dispõe o seu partido, que pelos seus sinais exteriores demonstram ser fartos..."

Ora, aí está, eminente Ministro, o prosseguimento de uma campanha caluniosa, injuriosa e difamatória, que se alarga mediante insinuações que, muito mais que alusões diretas, as quais seriam facilmente rebatidas, maculam a imagem de um partido político, atribuindo-lhe infrações da Lei Orgânica dos Partidos, partido esse que tem pautado sua linha de ação pelo amor à verdade e à dignidade no trato das questões públicas.

E por tudo isso que, *data venia*, impõem-se explicações cabais, revelando que as informações dadas à imprensa não correspondem à verdade e não têm o menor fundamento fático, para que, como tais, possam ser estampadas na imprensa com o mesmo destaque das anteriores, pondo-se fim às explorações que propiciaram, tudo nos termos do artigo 29, da Lei 5.250/67.

Ou, caso contrário, desde que não negadas, sirvam de sucedâneo a eventualização penal e por delito contra a honra, a ser proposta, oportunamente, pelo requerente.

Diante do exposto, o requerente pede a V. Excia. que ordene a notificação do senador Jorge Bornhausen, para que, em 48 horas (Artigo 25 da Lei 5.250/67), explique as informações que vem prestando à imprensa, de que as cópias a esta anexadas dão notícia, restabelecendo, por inteiro, a verdade dos fatos. Como fundamento jurídico do presente pedido de explicações, o requerente invoca o artigo 32 e parágrafo 4º da Emenda Constitucional nº 1 de 17 de outubro de 1969.

Nestes termos,
p. deferimento.

São Paulo, 24 de setembro de 1985



BOLETIM NACIONAL

Órgão informativo da Comissão Executiva Nacional do Partido dos Trabalhadores.
Avenida 11 de Junho, 260 CEP 04041 São Paulo SP

Edição: Bernardo Kucinski / Diagramação: Zé Ramos Neto / Secretária: Marisa Lourenço e Marcia Milanesio / Preparação de texto: Flávio Moreira Martins / Produção: Mauro di Deus / Distribuição: João Batista/ Alberto dos Santos / Composição, fotolito e impressão: Editora Jorúés, Tiragem: 60.000